

Notícias de mares distantes

ALCIONE ARAÚJO¹

A noite sepultara o domingo. Finda a euforia do fim de semana vem o vácuo da tediosa espera da segunda-feira. Ao longe, o rádio transmite tardio jogo de futebol. Na avenida quieta e escura, a luz da vitrine ilumina a cena de branco hiper-real. Sentada na calçada, corpo dobrado sobre a página do jornal aberta no chão à sua frente, a mulher lê devagar notícias para uma criança, de três, quatro anos, acorada a seu lado. Ponta de cigarro

entre os dedos da mão esquerda enquanto o indicador da direita segue o texto que ela soletra com a clareza de quem sabe o que lê: "...perto da península de Kamchatchka na costa do Oceano Pacífico²." Pára de ler, suga o cigarro, quase queima os dedos, nota a expressão absorta e distante da criança, solta a fumaça e explica: "É que nem o mar, só que longe." Volta a ler: "O minissubmarino russo está a 190 metros de profundidade." Comenta, pasma: "Fundo pra caramba! Os caras vão morrer!". A criança não reage. Ela intui minha presença, olha para cima. Vejo seu rosto encovado de pele encardida; olhos fundos, azuis de água, que me deram um olhar de enternecimento; a boca, de raros dentes, oferece um sorriso de arrepiar. O corpo esquelético expõe-se num short-top: tem 25, talvez 30 anos, aos quais a miséria juntou mais 20.

(...) Leitora perfeita, não só compreende o que lê e pronuncia com

clareza termos técnicos e nomes estrangeiros como – e nisso aparece sua sensibilidade – vivencia as emoções de que as palavras são grávidas.

(...) Eis que uma fulguração me ilumina. O que acontece diante de mim – uma mulher que lê notícias de mares distantes para duas crianças, sentadas tranqüilamente numa calçada – é uma linda e comovente aula. Em plena rua ela ensina a ler, ensina a entender o que se lê, ensina a sentir as emoções escritas, anuncia a aflição de viver e os perigos da vida, prenuncia, enfim, que a vida inclui a morte.

Talvez a aula desobedeça a boa norma pedagógica, aborde temas inadequados para a idade dos alunos – sei tão pouco sobre a magia de ensinar que só de falar parece que profano um templo sagrado. Associo a professora a uma mensageira e a aula a um ato de amor. Por isso senti naquela mulher uma inata e irreprimível vocação para ensinar, uma generosa disposição para doar tudo o que aprendeu. Coração de professora sabe que nada pode ser mais denso do que viver na rua.

Não sou profeta, mago ou vidente, porém mal escrevi o último parágrafo senti calafrios com outra fulguração. Com o descaso que se trata a educação no país, desqualificando o professor e aviltando sua função, será que não terei vislumbrado uma aula do futuro?

Prefiro imaginar que, assim como os tripulantes do minissubmarino foram salvos, um dia vou encontrar aquela moça e as crianças numa escola de verdade.

¹ Alcione Araújo é romancista, dramaturgo e roteirista de cinema e televisão. E-mail: alcionaraujo@uol.com.br

² Em 07/08/2005, a tripulação do minissubmarino Russo AS-28 foi resgatada com vida, após quase três dias de operações de busca.

